



ENTREVISTA

EDU KNEIP - UM STORYTELLER DO FLAMENGO E AS FORMAS ALTERNATIVAS DE COMUNICAÇÃO ESPORTIVA

Rafael Duarte Oliveira Venancio¹

RESUMO: Com VENCER VENCER VENCER, Edu Kneip nos apresentou um CD com músicas que versam sobre o mesmo tema: jogos importantes do Flamengo dos anos 1970, 1980 e 1990, abordando personagens tais como Zico, Rondinelli, Uri Geler, Junior, Adílio, Leandro e muitos outros. Desta forma, estamos diante de um processo de *storytelling* que se coloca enquanto forma alternativa de comunicação esportiva. A presente entrevista deseja refletir sobre isso, utilizando uma forma de apresentação próxima a do jornalismo literário e da ficção pós-moderna.

PALAVRAS-CHAVE: *Flamengo. Futebol. Música. Storytelling.*

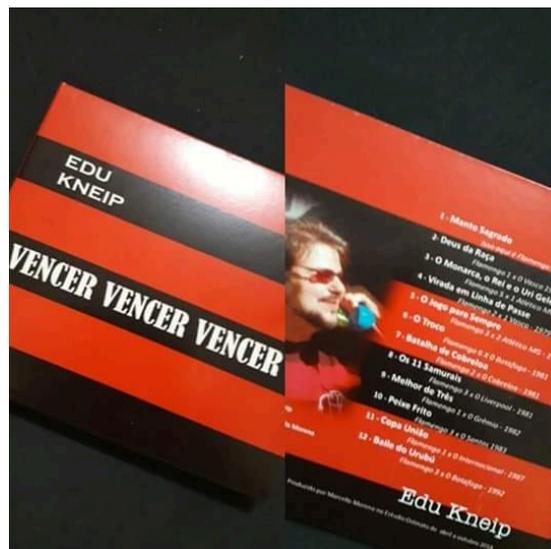
ABSTRACT: With VENCER VENCER VENCER, Edu Kneip presented us a CD with songs that deal with the same theme: important Flamengo games from the 1970s, 1980s and 1990s, approaching characters such as Zico, Rondinelli, Uri Geler, Junior, Adílio, Leandro and many others. In this way, we are facing a process of storytelling that is placed as an alternative form of sports communication. The present interview wishes to reflect on this, using a form of presentation close to that of literary journalism and postmodern fiction.

KEYWORDS: *Flamengo. Soccer. Music. Storytelling.*

¹ Doutor em Meios e Processos Audiovisuais pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Professor adjunto da Universidade Federal de Uberlândia onde atua no curso de Jornalismo e no Programa de Pós-Graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação. E-mail: rdovenancio@gmail.com

Ser um contador de histórias significa caçar histórias, bem como caçar outros contadores. Foi desta forma que encontrei Edu Kneip. Na minha seara de contar histórias sobre o futebol e conhecer outros como eu, vi em uma rede social uma indicação de Renato Zanata, um contador célebre de histórias do futebol, especialmente sobre o Flamengo: o CD “VENCER VENCER VENCER”, de Edu Kneip. A lista de música parecia curiosa:

- 1) “Manto Sagrado”
- 2) “Deus da Raça – Flamengo 1 x 0 Vasco 1978”
- 3) “O Monarca, o Rei e o Uri Geler – Flamengo 5 x 1 Atlético-MG 1979”
- 4) “Virada em Linha de Passe – Flamengo 2 x 1 Vasco 1979”
- 5) “O Jogo para Sempre – Flamengo 3 x 2 Atlético-MG 1980”
- 6) “O Troco – Flamengo 6 x 0 Botafogo 1981”
- 7) “Batalha de Cobreloa – Flamengo 2 x 0 Cobreloa 1981”
- 8) “Os 11 Samurais – Flamengo 3 x 0 Liverpool 1981”
- 9) “Melhor de Três – Flamengo 1 x 0 Grêmio 1982”
- 10) “Peixe Frito – Flamengo 3 x 0 Santos 1983”
- 11) “Copa União – Flamengo 1 x 0 Internacional 1987”
- 12) “Baile de Urubu – Flamengo 3 x 0 Botafogo 1992”



Capa e contracapa de “VENCER VENCER VENCER”, de Edu Kneip (Instagram/Rafael Duarte Oliveira Venancio)

Resolvi adquirir o CD com o próprio Edu nas redes sociais e, após escutá-lo, queria entender um pouco das motivações de tal storyteller. Com isso, temos a presente entrevista, realizada de forma não-linear, coloquial e com idas e vindas, inclusive aquelas provenientes das minhas reflexões.



Edu Kneip no estúdio nas gravações de “VENCER VENCER VENCER” (Facebook/Edu Kneip)

Rafael Duarte Oliveira Venancio (RDOV): Conte-me um pouco sobre quem é Edu Kneip.

Edu Kneip (EK): Eu sou paulista de Taubaté, interior de São Paulo. Meu pai era bancário, rodamos um bocado, e a partir dos 6 anos fui morar no estado do Rio. Morei muito tempo em Resende e Volta Redonda, de onde saí pra capital, Rio de Janeiro, pra cursar engenharia. Fiz dois anos no CEFET e tranquei matrícula pra mergulhar na música. Me formei na UniRio em 2002 no curso de Licenciatura, já tendo uma carreira de shows com músicas próprias. Já tinha começado a gravar meu primeiro disco "Da Boca pra Dentro",

que foi lançado em 2005 e terminou indicado a prêmios. Em 2011, depois de uma temporada de sucesso no bar Semente, no coração da Lapa, lancei meu segundo disco, "Herói". E agora em 2018 chego ao terceiro CD, o "VENCER VENCER VENCER" sobre o Flamengo Campeão do Mundo.

De certa forma, achei uma apresentação padrão. Meio que já previa isso, então tinha planejada uma pergunta que me parecia mais interessante.

RDOV: Agora gostaria de saber um pouco sobre o Edu Kneip que interessa: o flamenguista. Como é a biografia dele?

EK: Olha, na minha casa todos torciam pelo Flamengo desde sempre, porque meu avô jogou num clube chamado Flamenguinho da cidade dele, Cataguases, interior de Minas.

O Flamengo Futebol Clube, da mineira Cataguases, foi fundado em 21 de janeiro de 1917. Apelidado como Flamenguinho pelos próprios torcedores, é o time mais antigo da Zona da Mata Mineira, bem como o segundo time com este nome no Brasil. O primeiro, obviamente, é o Clube de Regatas Flamengo que todos nós conhecemos. O time disputa campeonatos amadores na região até os dias atuais.

72

RDOV: E você?

EK: Me lembro de realmente começar a acompanhar futebol aos 8 anos, em Resende, quando ouvi a final do campeonato carioca de 1978, no quarto de meu pai, junto dele e de meu irmão. Lembro de minha mãe entrando no quarto para perguntar o placar e foi justamente no momento em que o Zico bateu o escanteio que resultou no gol de cabeça do Rondinelli, já no finzinho do jogo. Foi uma euforia contagiante na casa, uma sensação maravilhosa. A partir daí passei a acompanhar tudo sobre o Flamengo e vivi um período de sonhos e devoção àquele time fantástico.

Notei aqui a referência à música da faixa 2 de "VENCER VENCER VENCER". De certa forma, é icônico a primeira música ser sobre o time e a segunda ser sobre a música que transformou Edu Kneip em flamenguista de fato. Isso mostra um diferencial de "VENCER VENCER VENCER" que queria entender mais.

RDOV: Vi nas redes sociais que você anuncia “VENCER VENCER VENCER” enquanto um projeto único. O que ele tem de tão diferente?

EK: Porque o VENCER VENCER VENCER é tão diferente? O que tem de especial nesse trabalho?

Perguntas retóricas são uma característica de todos os storytellers. Eu poderia ter tirado isso da edição final. Resolvi deixar e ainda fazer um outro chavão: quebrar a quarta parede. Isso é bem Machado de Assis, carioca que nem o Flamengo, mas os jovens de hoje em dia acham que foi o Deadpool que inventou isso, super-herói que veste rubro-negro que nem o Flamengo. Bom, acho que estou divagando agora...

RDOV: Isso...

EK: Bom, tenho dito, em tom de brincadeira, e porque em termos de propaganda chama a atenção, que é um disco que Chico não fez, nem Caetano, nem John Lennon, nem Michael Jackson. Mas, é um fato: nenhum deles jamais fez um disco todo narrando em músicas partidas de um dos maiores times de futebol da história. Por isso, a brincadeira que veio daquela história do Pelé: “Sabe o gol que Pelé não fez”? Então, esse é o disco que o Chico não fez. Nem Caetano, nem John Lennon, nem Michael Jackson... Isso aqui é Flamengo, irmão!! [*Risos*] Por isso, o trabalho é tão original.

RDOV: Como você vê o futebol enquanto tema de contar histórias?

EK: O futebol tem uma filosofia, uma profundidade e um misticismo que ainda não foram tão explorados musicalmente. Claro, teve um Jorge Ben, outro flamenguista, que criou coisas lindas com o tema. Antes dele, tivemos sambistas como Wilson Batista e João Nogueira também. Mas o futebol tem riquezas profundas, coisas ainda não muito exploradas, principalmente em sua história passada, quando havia um amorismo que permitia um amor sincero e fiel à camisa do time que cada um defendia. Isso era muito apaixonante. Uma paixão que levava até a sacrifícios gloriosos por uma vitória. O

Flamengo de Zico, Junior, Adílio, Leandro e cia tinha isso na veia. Era um time de técnica refinada aliada à raça e ao amor à camisa, batizada e amada como o Manto Sagrado. A alegria que aquele grupo de jogadores deu a todos que torceram apaixonadamente pelo Flamengo nessa época foi inesquecível. E foi da minha gratidão que veio a ideia de fazer esse disco.



Fotografia de Peu, Rondinelli, Edu Kneip e Raul em postagem de Facebook de Edu Kneip com comentário de Rondinelli (Facebook/Edu Kneip)

RDOV: Você retira sua inspiração de músicas que falam de futebol? Afinal, um dos personagens do Flamengo que você faz homenagem é músico. O lateral Junior era um craque da bola e do vinil com o hit “Voa Canarinho”...

EK: Olha, eu adoro várias músicas que falam sobre futebol. Várias do Jorge Ben, como "Camisa 10 da Gávea", "Zagueiro", "Cadê o Pênalti". As do Moraes Moreira também, de "Vitorioso Flamengo", o clássico do Neguinho da Beija Flor "O Campeão". Algumas antigas, de Wilson Batista, a clássica "Samba Rubro Negro". Tudo isso me influenciou. O que fiz de diferente em relação a esses todos foi narrar de fato cada jogo emblemático daquele Flamengo, citando os principais personagens, alguns detalhes de bastidores, o andamento do jogo e as jogadas dos gols. Como crônicas musicais de cada partida, de cada conquista.

Acho que Edu não gosta da música do Maestro Junior. Mas, eu fiquei com ela na cabeça. Ela, para mim, é tão a Seleção de 1982 quanto os VTs da época. No entanto, estamos falando aqui de Flamengo, não de Copa do Mundo;

RDOV: Você acha que a poesia e a música são boas formas de falar sobre o futebol? Você concorda que há uma tradição brasileira nisso neste sentido?

EK: Olha, não vejo tanto como tradição não. Tivemos uma fase mágica sim, quando tínhamos gente como Nelson Rodrigues, Henfil, Jorge Ben, João Saldanha e até, expandindo, Eduardo Galeano, todos contemporâneos, todos talentosíssimos, falando e criando com o temo futebol. Foi maravilhoso esse tempo. A sorte e o privilégio que o futebol teve de ter um gênio Nelson Rodrigues escrevendo crônicas sobre o esporte toda semana, é coisa que nunca mais rolou. Mas talvez tenhamos vivido essa época porque eram tempos de um futebol mais poético também, mais amador. Temos hoje um Skank, que fez uma bela canção em homenagem: "Uma partida de Futebol" é muito bacana. Mas não vejo como tradição não.

75

Putz, eu vejo. No entanto, eu sou entrevistador aqui, não o entrevistado. Não é minha função rebater aqui, afinal não sou apresentador de talk show. No entanto, uma pequena autopromoção: aceito convites para dar entrevistas sobre as minhas pesquisas que mostram que o Brasil tem uma tradição de storytellers de futebol. Tradição essa que eu com os meus livros de microcontos de futebol e o Edu Kneip com "VENCER VENCER VENCER" estamos inseridos. Vamos voltar para a entrevista em sua pergunta final.

RDOV: É possível falar um pouco do seu processo criativo em "VENCER VENCER VENCER"?

EK: Meu processo criativo é um lance periódico. Tem momentos de pegar o violão e criar sem parar. Acho que é um processo de acúmulo de ideias, de motivações e instigações. É necessário um intervalo às vezes. E no meu caso, componho sempre a música primeiro, a melodia. A letra vem depois. Então não raro deixo melodias guardadas esperando temas. Sempre gravadas em algum lugar. Aí ou elas vão para algum parceiro ou eu pego a faço a letra.

No caso do VENCER VENCER VENCER, eu fiquei com duas canções prontas, com as letras terminadas, esperando pra ver o que fazer. Queria ter certeza de que era algo relevante em música e futebol. Até que as mostrei a um amigo compositor e flamenguista, Marcelo Fedrá. A reação desse amigo, de euforia incalculável, me deu a certeza que eu precisava. A partir daí o trabalho de composição foi ininterrupto. Eu tinha os temas das letras, que eram as histórias de cada um dos jogos, então era compor as músicas em cima dos temas. Foi maravilhoso de fazer. Sem dúvida, o disco que me deu maior alegria, o disco em que mais me vejo como músico e ser humano.

Com certeza, Edu! Afinal, contar histórias, falar de grandes fatos e relembrar personagens, é o que nos faz humanos. Ou seja, somos humanos porque fabulamos. Se conseguimos isso usando a temática do futebol, apenas mostra que ele é muito mais que um jogo, tal como dizem nas redes sociais...